

**SEM IMAGEM, SEM MEDIAÇÃO, SEM COMPARAÇÃO – UMA
ABERTURA PARA DENTRO DO PENSAMENTO DE ECKHART**

[WITHOUT IMAGE, WITHOUT *MEDLATION*, AND WITHOUT LIKENESS - AN
OPENING INTO ECKHART'S THINKING]

Enio Paulo Giachini
enio.giachini@gmail.com

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de filosofia da FAE – Centro Universitário. Atua como professor nos seguintes temas: Fenomenologia, Filosofia moderna, Filosofia medieval, Mestre Eckhart; Rombach. Tem ampla experiência de tradução do alemão e línguas latinas.

DOI: [10.25244/tf.v13i1.2399](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2399)

Recebido em: 29 de março de 2020. Aprovado em: 29/04/2020

Caicó, ano 13, n. 1, 2020, p. 79-91
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v13i1.2399](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2399)
Dossiê Filosofia e Mística



DOI: [10.25244/uf.v13i1.2399](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2399)

Sem imagem, sem mediação, sem comparação - uma abertura para dentro do pensamento de Eckhart
GIACHINI, Enio Paulo

Resumo: Sem imagem, mediação e comparação, como título de um comentário a três sermões eckhartianos, tem a intenção de abrir uma brecha de compreensão para dentro do itinerário trilhado por Mestre Eckhart e por ele registrado. A alma humana é imagem (Bild) do protótipo originário (Urbild), Deus, mas é também semelhança, que precisa ser trabalhada para unificar-se com seu criador.

Palavras-chave: Imagem. Eckhart. Artesania. Mediação.

Abstract: Without image, mediation and likeness, as the title of a comment to three Eckhart sermons, it is intended to open a gap of understanding into the itinerary traced by Master Eckhart and written by him. The human soul is the image (Bild) of the original prototype (Urbild), God, but it is also similarity, which needs to be worked on to unify with its creator.

Keywords: image. Eckhart. Artisanry. Mediation.

INTRODUÇÃO

Sem imagem, mediação e comparação, como título de um comentário a três sermões eckhartianos, tem a intenção de abrir uma brecha de compreensão para dentro do itinerário trilhado por Mestre Eckhart e por ele registrado. A alma humana é imagem (Bild) do protótipo originário (Urbild), Deus, mas é também semelhança, que precisa ser trabalhada para unificar-se com seu criador.

A partir desses sermões tenta-se ver a “ossatura” da alma humana, sua relação com Deus e consigo, pelas forças superiores, e sua relação com tudo que é não-alma, através das forças inferiores. Sendo imagem e do Criador, não deixa de ser também apenas semelhança com ele, ou seja, tarefa de cuidado, apropriação e elevação de tudo à primeira imagem. Eckhart descreve essa ossatura da alma como mens, três forças superiores e três inferiores. Trata-se, aparentemente, de um movimento centrípeto e centrífugo de aproximação ou distanciamento da alma rumo à sua imagem originária, luz, ou rumo ao nada das criaturas, trevas.

Nessas reflexões, exploramos um tanto o conceito de imagem, que é vista nos sermões como a mediania entre alma Deus e alma e o que é não-alma. O conceito de artesanía, que vemos bem no sermão 101, indica claramente que imagem, como mediania, não deve ser anatematizada como pura ascese, mas precisa ser vista como meio, médium. O meio onde se vive é o ambiente que guarda tudo, ameaça degenerar tudo, mas sobretudo é um dom de possibilidade de melhorização. O meio é intermédio, mesmo protegendo e guardando, jamais abdica de seu aguilhão de mostrar que ainda não se está em casa.

ESTRUTURA DA ALMA

No nº 83 dos sermões alemães de Mestre Eckhart, vamos encontrar uma espécie de estrutura da alma humana, uma ossatura central dos principais “nós” ou articulações da alma humana, se é que se pode falar nesses termos.

Ali se nos indica que Deus criou o ser da alma e junto com ela, como seu imo, criou o que se chama de *mens* ou ânimo, chamado pelos mestres como “um receptáculo ou um cofre de formas espirituais ou de imagens formais” (Eckhart, 2008, p. 117).

Essa força (Kraft) é responsável por perfazer a igualdade entre a alma e o Pai. É a deidade que efunde na alma o tesouro de seu ser divino. Este palácio da memória que guarda a imagem do Pai derrama essa sua riqueza para as forças inferiores da alma. Quais e quantas são as forças da alma? Seis são as forças da alma, três inferiores e três superiores.

As forças superiores são três¹.

A primeira chama-se uma “força que retém”, *memoria*. Essa força compara-se com o Pai na Trindade. Nela debes portar um anel de ouro, isto é, um “guardar”,

¹ Trata-se aqui da conhecida fórmula de Sto. Agostinho: memória (Pai), intelecto (Filho), vontade (Espírito Santo).

para que tu possas guardar em ti todas as coisas eternas. A segunda força chama-se “intelecto”, *intellectus*. Essa força compara-se com o Filho. Nela também deves portar um anel de ouro, que é: “conhecimento”... A terceira força chama-se vontade, *voluntas*. (2008, 119-120).

A partir dessa força, mens, a alma se vê lançada na partição, na divisão, na multiplicidade. Essa estrutura recebe, guarda e derrama. São esses os seus verbos. O teor desses verbos se caracteriza pelas palavras imagem e semelhança: é imagem da deidade e semelhante a Deus. No exercício desses três verbos tem de fazer próprio e trazer a “deficiência” para a proximidade e a identificação com a imagem perfeita e exemplar. Todavia, enquanto contempla imagens do mundo inferior, a si mesma ou mesmo o Deus trino através de imagens a alma ainda é *deficiente*.

Três são igualmente as forças inferiores da alma: são elas:

A primeira chama-se discricção, *rationalis*; nesta deves portar um anel de ouro, isto é, a luz, para que tua discricção seja constantemente iluminando todo tempo, sem tempo, pela luz divina. A segunda força chama-se “ira”, *irascibilis*; nela deves portar um anel, isto é, “tua paz” “Por quê?” – Porque tanto quanto se é em paz, tanto se é em Deus; tanto quanto se é fora da paz, tanto se é fora de Deus. A terceira força chama-se “desejo”, *concupiscibilis*; nela deves portar um anel, isto é, “uma satisfação”, de modo que és satisfeito frente a todas as criaturas que estão abaixo de Deus (2008, p. 119).

Formalmente, temos então a mens como o imo da alma, como imagem da deidade, depois a memória, o intelecto e a vontade, como as três forças superiores e a discricção (*rationalis*), *air* (*irascibilis*) e o desejo (*concupiscibilis*), como as três forças inferiores.

O humano não está às voltas primordialmente com coisas. Perceba ou não, queira ou não, goste ou não, ele está sempre ocupado com as forças da alma, como se fossem seis tentáculos ou canais de recepção, elaboração e apropriação de mundo. Um movimento de alma descendente-ascendente no trato com criaturas e no diálogo com sua origem. É por essa razão, que Eckhart considera as criaturas como puro nada.

Todas as coisas são em Deus e por ele, visto que fora dele e sem ele, na verdade, nada é: isto porque, diante de Deus todas as criaturas são algo insignificante e um puro nada. Por isso, o que elas são na verdade, o são em Deus, e por isso na verdade só Deus é (Eckhart, 2008, p. 96).

A ponta terminal desse processo, o mais pronto e dado, o mastigado dessa rinação é criatura. Em si, fala Eckhart, criatura é nada, é a largada inicial do percurso de ascensão. A alma

não é uma força. Alma é imagem e semelhança, feita e perfezendo-se. Forças da alma são os movimentos de constituição de alma, um movimento para cima e um movimento para baixo; um movimento para dentro e um movimento para fora, centrípeto e centrífugo. Essa partição da alma em seu movimento de constituição é chamada de seis forças, superiores e inferiores, que perfazem a dinâmica. Cada uma dessas forças precisa portar um compromisso, um anel de ouro, uma aliança de excelência.

No trabalho dessas forças, Eckhart fala que a alma deve co-nascer em Deus, sem imagem, sem mediação, sem comparação; deve tornar-se tão próxima a ele de modo a Ele tornar-se eu. O anel de ouro das forças é o compromisso diário de buscar contato direto com a fonte originária, o empenho da vida, corpo a corpo, eliminando os remansos do intermediário.

MEDIAÇÃO NOS SENTIDOS

A mediação da alma com a ponta terminal representada nas criaturas se dá pelos sentidos, que constituem assim a mais baixa mediação da alma.

A alma é purificada no corpo, para que recolha o que está distraído e disperso. Quando o que os cinco sentidos dispersaram retorna para a alma, ela adquire uma força onde tudo se torna um. Por outro lado, a alma é purificada no exercício das virtudes, isto é, quando a alma se eleva a uma vida que é unida. A limpidez da alma consiste em ser purificada quando passa de uma vida dividida e ingressa numa vida que é unida. Tudo aquilo que está dividido em coisas inferiores, será unido quando a alma se elevar para uma vida sem nenhuma oposição (2009, p. 82).

Há uma sequência formal como segue: a intermediação da alma se dá pelo mens, desce para as forças superiores, depois as inferiores, e pela percepção dos sentidos se divide e dispersa em imagens terminais-iniciais.

Qual a problemática levantada por Eckhart quanto às imagens. O que são imagens? Toda imagem indica e refere para outra coisa que não a si mesma; é imagem de algo. Ela atrai e indica para aquilo de que é imagem. Só temos imagens daquilo que nos é alheio, daquilo que está fora e é trazido das criaturas e assimilado pelos sentidos. Só haverá unificação quando houver um silenciar e uma quietude das imagens. Mas como pode dar-se? (Eckhart, 2008, p. 195).

Imagem refere-se a algo que não a si mesma. A imagem é como uma cópia, uma reprodução, re-presentação. São essas imagens que é preciso silenciar. Talvez nos ajudem algumas ideias tiradas de Agostinho, uma fonte sempre abundante para Eckhart.

No *Soliloquios*, livro I, cap. XIII, Agostinho apresenta uma gradação de etapas de aprofundamento no caminho rumo à sabedoria. Faz uso e praticamente reproduz os passos da

alegoria da caverna de Platão. O que a luz solar é para o ver, é a sabedoria para a alma. Quando o olho não alcança ver diretamente a luz do sol, ele “deve ser exercitado e o seu amor adiado e alimentado” (1998, p. 45).

Primeiramente, devem ser-lhe demonstradas certas coisas que não brilhem por si mesmas, mas que possam ser vistas mediante a luz, como as vestes ou a parede, ou coisas semelhantes. Depois, aquilo que na realidade não brilha por si, mas adquire um fulgor mais belo através da luz, como o ouro a prata e objetos semelhantes, mas não com tanta radiação ao ponto de ofuscar-lhes os olhos. Em seguida, talvez, aos poucos pode ser-lhes mostrado o fogo terreno, depois os astros, a luz, o fulgor da aurora e o resplendor do amanhecer. Assim, cada um, de acordo com a condição de sua firmeza, habituando-se a essas coisas total ou parcialmente, mais cedo ou mais tarde, contemplará o sol sem perturbação e com grande prazer (Agostinho, 1988, p. 45).

Como descreve Platão, há aqui um itinerário crescente de aproximação por degraus: coisas opacas, como veste e parede; coisas que refletem como ouro e prata, depois o fogo, os astros e a lua; em seguida o fulgor da aurora e o resplendor do amanhecer, que ainda não é diretamente a luz, e por fim “mais cedo ou mais tarde”, o sol, sem perturbação e com prazer.

“Mais cedo ou mais tarde” fala de um processo de trabalho artesanal, pautado na esperança firme de um itinerário de crescimento lento e seguro. Quando se atina com o caminho a seguir, e se persevera, não é possível assegurar de antemão o resultado, se o objetivo é alcançado e quando... todavia, um mestre como Agostinho fala com autoridade que o itinerário de exercício no crescimento, mais cedo ou mais tarde, atinge ou talvez é atingido e consegue contemplar a luz do sol, com grande prazer e sem perturbações. Essas últimas palavras falam de um modo de ser da unidade, e identificação ao modo do encontro corpo a corpo, do peixe na água, nadando em seu elemento.

As imagens semelhantes à luz do sol para o olho são aproximações ou distanciamentos do mesmo; têm entre si um parentesco de pertencimento e remissão gradual de ascensão ou descenso, dependendo do direcionamento que toma a alma rumo à luz, buscando a unidade com seu elemento, ou rumo às trevas, deixando-se largar na dispersão. Imagens são, portanto, re-flexões, mediações. Não têm propriamente falando, realidade real em si, mas são como que marcas do caminho, indicações remissões de maior ou menor aproximação com o protótipo original. Imagem é uma cópia, remete a algo outro que a si mesmo “não indica e refere a si mesma” (ECKHART, 2008, p. 195).

Olhando a partir daqui não surpreende que no cap. VI, do livro 2, Agostinho afirme que “a semelhança das coisas, no que se refere aos olhos, é a mãe da falsidade” (p. 69). O que liga a imagem ao “original” é a semelhança.

Há dois modos de a natureza produzir semelhança: por geração, exemplo os filhos dos pais, e por reflexão, por exemplo nos espelhos, nas pinturas, nas sombras etc.

Nossos sentidos, portanto, também atuam via de regra pela intermediação de imagens. A geração e a reflexão do semelhante, segundo Agostinho, é vista como falsidade, na medida em que o olho não se vê lançado a caminhar no itinerário de elevação que lhe é cada vez mais semelhante, até descansar no igual e o mesmo, que com sua natureza, a luz, encontra unidade. Pela decadência e afrouxamento da história nos acostumamos a considerar o itinerário de ascensão como uma ascese. Chamo a essa ascese de objetual. A ascese objetual rejeita e anatematiza a terra, a mediação das criaturas, as coisas. Todavia, o movimento de elevação se dá só na gradação de um itinerário

de subida, degrau por degrau, apropriando-se da e agradecendo à terra. O degrau de subida se torna nada, pois é absorvido e transformado em força.

No olho fica até mais fácil de ver esse processo. As imagens inferiores de luz são absorvidas na luz do sol. Mas será que todo o aparato sensorial tem a mesma estrutura? Essa gradação de imagens, (falsidade!) se dá, por exemplo, também com o ouvido, com o paladar, o tato...? Lançamos mão mais uma vez de Agostinho. Capítulo VI, livro II ele diz:

Entretendo, convém agir com paciência até que os demais sentidos informem que a falsidade está na verossimilhança. No próprio ouvido ocorrem quase outros tantos tipos de semelhança como, por exemplo, quando ouvimos a voz de alguém que fala, mas não o vemos, e, ao ouvido, julgamos que se trata de outra pessoa cuja voz é semelhante (1998, p. 70).

No ouvido, as imagens ou mediações são o eco, o zumbido, o confundir a voz do outro, as imitações etc. E assim se dá também com os demais sentidos. Não são antenas de captação interiores, voltados para a recepção de coisas e objetos exteriores. Essa discussão já nos deveria estar clara pela fenomenologia.

Segue-se que nos sentidos, seja nas coisas iguais como nas desiguais, somos enganados pelo atrativo da semelhança ou, então, se não nos enganamos por que suspendemos o consentimento ou distinguimos a diferença, contudo percebemos que essas coisas se denominam falsas por serem semelhantes às verdadeiras (1998, p. 71).

O som, o odor, o sabor, o tato são também imagens intermediadoras, carentes do trabalho de aproximação gradual ao original. As forças da alma são “deficientes” em si, sempre remetidas à busca de unidade e unificação. A pertença originária da força do sentido com seu objeto, vemo-la por exemplo numa afirmação de Eckhart do comentário a João. O voltar-se da alma para as forças em sua atuação e alcance é “deficiente”. Talvez se possa referir esse termo com o conceito de semelhança, do livro do Gênesis. E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Se tiras o ver ao olho, tiras ao objeto o ser visto. E vice-versa: se tiras ao objeto o ser visto, tiras o ver ao olho. Ver e ser visto são um e idêntico, i. é, começam, se mantêm, caem e ressurgem juntos e simultaneamente, surgem e morrem simultaneamente. Nem a natureza nem o intelecto nem Deus pode separá-los (Tolle videre oculo, tollis videri objecto. Et e converso: tolle videri objecto, tollis videre oculo. Videre et videri unum sunt, idem, id est, simul incipiunt, stant, cadunt e resurgunt, simul oriuntur et moriuntur. Nec natura nec intellectus nec deus ista separare potest) (in Ioh. N. 107, LW, III, p. 92).

AS MEDIAÇÕES NAS FORÇAS DA ALMA

Seis são, segundo Eckhart, as forças da alma: três superiores e três inferiores. Já na alma há um movimento de ascensão e descenso.

As forças inferiores são três. A primeira chama-se discricção², *rationalis*; nesta debes portar um anel de ouro, isto é, a luz, para que tua discricção seja constantemente iluminando todo tempo, sem tempo, pela luz divina. A segunda força chama-se “ira”, *irascibilis*; nela debes portar um anel, isto é, “tua paz” “Por quê?” – Porque tanto quanto se é em paz, tanto se é em Deus; tanto quanto se é fora da paz, tanto se é fora de Deus. A terceira força chama-se “desejo”, *concupiscibilis*; nela debes portar um anel, isto é, “uma satisfação”, de modo que és satisfeito frente a todas as criaturas que estão abaixo de Deus (2008, p. 119).

Bescheidenheit, *rationalis*; ira, *irascibilis*; desejo, *concupiscibilis*, cada uma tem de portar um anel; respectivamente anel que é a luz, a paz, a satisfação. O anel é “símbolo” de uma aliança, um voto, um compromisso. Portar um anel de casamento é um sinal visível da eleição de uma meta e direcionamento primordial, como que a dizer que todos os encontros e desencontros do viver rumam nesse direcionamento.

As três grandes forças inferiores da alma, atravessando suas intermediações, rumam para o discernimento, a luz, para o descanso, a paz, para o deleite, a satisfação de seu elemento primordial. Seriam como que três registros centrais, canais de sintonia, uma estrutura tripla de discernimento, preparação, equiparação e apropriação do real.

As três forças superiores mencionadas por Eckhart são a memória, que deve portar um anel do guardar; o intelecto, que deve portar o anel do conhecer; e a vontade, que deve portar o anel do amor. As três devem portar um anel de ouro.

Portar um anel de ouro quer dizer, o anel é igual a compromisso prioritário; de ouro, de excelência; o ouro é o grau mais elevado do metal. Era o nível a ser alcançado pela incansável pesquisa da alquimia. Em Eckhart essa excelência tem o nome de *nobreza*. O termo “nobre”, que deu nome inclusive ao tratado “Do homem nobre”, é uma ‘categoria’ típica de seu pensamento; é ser segundo o modo de ser do que há de mais alto (*possedi me*). Na seara compara-se ao grão de centeio que anela em tornar-se trigo. O mineral que é cobre tem em sua natureza o poder tornar-se prata, e a prata pode tornar-se ouro, etc. etc. e não descansa até alcançar essa natureza.

Esse grão deseja tornar-se centeio, tem em sua natureza poder tornar-se trigo, não descansando até alcançar essa natureza. O grão de trigo traz em sua natureza poder tornar-se *tudo*. Paga o preço e se dá à morte para tornar-se *tudo*. Esse mineral é cobre. Tem porém em sua natureza poder tornar-se prata, e a prata poder tornar-se ouro, jamais descansando até alcançar exatamente essa natureza³.

² QUINT (1973, p. 445,2): *bescheidenheit*; (p. 585): *Unterscheidungsvermögen*.

³ Cf. Alberto, M., *De vegetab.* V tr. 1 c. 7 n. 55 (ed. Meyer. e Jessen, p. 312s); Maimônides, *Dux neutrorum* III c. 14 (77 v 13-17).

Sim, é assim que em sua natureza essa madeira pode tornar-se pedra e digo ainda mais: Pode bem tornar-se *tudo* (2009, p. 285).

Possedi me, como um apoderar-me de minha natureza. Natureza não é objeto, nem só criatura. Natureza para Eckhart é fazer frutificar o dom, poder elevar-se. Vem expresso em geral como nobreza. Nobre é o que segue sua natureza buscando elevar-se ao grau de vir a ser o que se “é”.

Portar um anel de ouro na memória, no intelecto e na vontade é a eleição de, caminhando, superar toda imagem, mediação e comparação. Eckhart chama-as de forças superiores pois por elas eu me aproximo de Deus e Deus se aproxima de mim até “que esse ‘ele’ e esse ‘eu’ se tornem e sejam um ‘é’” (vol. 2, p. 120).

O termo usado por Eckhart para marcar a ascensão à nobreza é *possedi me*, chegar à posse de minha vida, de minha natureza. Vamos trazer dois indicadores a partir do sermão 69, onde ele diz: “por um átimo, por um pouco, e já não me vereis”. Todas as criaturas que Deus já criou ou poderia ainda criar, se ele quisesse, tudo isso é um pouco ou um átimo diante de Deus” (2008, p. 54). Ali fala-se da imagem como intermediadora em relação a tudo que não é a alma. A imagem medeia a visão da mão e da pedra. Eu não vejo a pedra, mas uma imagem da pedra. Esse é o primeiro indicador; significa que, de princípio, alma sempre só está às voltas com imagens, mediações, possibilidade de dispersão e/ou reunião. O segundo indicador é quando afirma que não vejo a imagem em outra imagem, mas a vejo sem meio e sem imagem. As intermediações e remissões só acabam quando a alma recolhe tudo a si sem imagem, sem grandeza, sem meio ou mediação. O resultado dessa equação é *possedi me*.

O olho e a alma são tal espelho, no qual aparece ali dentro tudo que se mantém diante deles. É por isso que não vejo a mão ou a pedra; antes, vejo uma imagem da pedra. Mas a imagem, ela mesma, não a vejo em outra imagem ou em um meio, mas eu a vejo sem meio e sem imagem, pois a imagem é o meio e não um outro intermediário, e o porquê disso é que imagem é sem imagem e correr é sem correr, perfaz antes o em correndo, o corredor; e grandeza é sem grandeza, antes, ela perfaz o em sendo grande, o grande. Assim também, imagem é sem imagem, pois não é vista em outra imagem. A palavra eterna é o meio e a própria imagem, que ali é sem meio e sem imagem, para que na palavra eterna a alma apreenda a Deus e conheça sem meio e sem imagem (1998, p. 56).

O título desse sermão 69 é *Modicum et jam non videbitis me*. Eckhart interpreta essa palavra de Jo 16,16, um pouco, um átimo, como sendo “todas as criaturas”. A ossatura, a estruturação da alma humana é uma imagem e semelhança de Deus. Já é imagem e deve reconduzir toda semelhança a uma única imagem, a do Filho para unificar-se ao pai, pelo Espírito Santo. Nem criaturas, nem alma são algo pronto e fixo. É um jogo, um movimento de ascendência ou descendência. No momento em que esse movimento de vida se afrouxa, aparecem coisas, eu, criaturas, sujeito. No instante em que tudo recolhe na Imagem do Filho se dá unidade. É a escada do sonho das forças

divinas que Jacó chamou de Betel, a porta do céu. Por ela pode-se entrar e sair; pela escada pode-se descer e subir. Alma é o vão da escada.

As forças da alma, três voltadas para baixo e três voltadas para cima, são uma escada, uma escalada que devem buscar o ouro da excelência e espera da unidade. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. As forças trabalham no sentido de elevar toda semelhança, dispersão e multiplicidade à imagem originária, *Urbild*, à unificação e unidade.

imagem e imagem⁴ são tão plenamente um e são tão mútuas uma com a outra que ali não se pode conhecer diferença alguma. Pode-se compreender o fogo sem o calor e o calor sem o fogo. Pode-se até compreender o sol sem a luz e a luz sem o sol. Mas não se pode compreender nenhuma diferença entre imagem e imagem. E digo mais: com sua onipotência, Deus não pode ali compreender nenhuma diferença, pois nascem uma com a outra e morem uma com a outra (1998, p. 58).

Pela ascensão o processo que se dá com os sentidos, onde *vedere* e *videri* são um e o mesmo, também a alma, com suas forças, e a Deidade tornam-se um Um. A imagem (Bild) e a Imagem (Urbild) são plenamente um. Sua mutualidade é tão plena que não se pode conhecer diferença.

MEDIAÇÃO E ARTESANIA

Na relação de alma com criatura precisa-se de intermediação da imagem. Na relação de alma com Deus não; tem de ser corpo a corpo. Mas esses “dois” movimentos só se tornam um na ascensão. Chamo de artesanaria a esse processo de ascensão. “A criatura não pode chegar mais perto da alma, nem a alma jamais pode aproximar-se de nenhuma criatura, se antes não tiver concebido em si voluntariamente sua imagem (1998, p. 193). Para unir-se com Deus, a alma precisa ser sem imagem. Se ela precisa necessariamente dessa mediação, como fica?

Mas na medida em que interiormente estiver desocupada e livre de meios e imagens, Deus pode se unir livremente com ela, desprovido de imagens e semelhança.

Para esclarecer esse ponto uso o sermão 101. Ali Eckhart compara Deus a um mestre. Vale ver o texto, mesmo que mais extenso.

O mesmo poder que atribuis a um mestre, deverias atribuir a Deus além de toda medida. Quanto mais sábio e hábil for um mestre, tanto mais simples e sem mediação acontece sua obra. Em suas obras exteriores o homem precisa de muitos meios. Até que realize as obras que imaginou, é necessária a preparação

⁴ QUINT (1973, p. 176, 4): *bilde und bilde*, (p. 538): *Bild und <Ur>bild*.

de muitos materiais. Mas, em seu operar, ou seja, na ação de iluminar, o sol, em sua maestria, fá-lo de maneira rápida. Tão logo ele derrama seu brilho, no mesmo instante todo o mundo está cheio de luz em todos os seus confins (2008, p. 194).

O exemplo trazido por Eckhart do mestre é elucidativo. Mestre é quem tem domínio de uma arte, um tal domínio que sua habilidade está tão impregnada nele que se torna como que sua segunda natureza. Ao ser acionado, imediatamente, sem mediação alguma está pronto para agir. É assim com um mestre nas artes marciais; é assim com todo e qualquer autêntico mestre. Seu preparo e exercício em sua arte foi a tal ponto que em si incorporou o modo de ser da arte. O mestre é apenas uma extensão, um lugar de manifestação da arte. A graça de sua espontaneidade e vitalidade provém de sua identificação com seu modo de ser, com sua eleição, treinamento e incorporação da arte, *possedi me*. Quanto mais hábil, menos mediações necessita.

Mas, acima dele está o anjo: este, em seu operar, precisa de muito menos meios, possuindo bem menos imagens. Quanto mais elevado for o anjo, tanto menos imagens possui. O Serafim mais elevado não possui senão uma única imagem (2008, p. 194).

Artesania é a arte do mestre, o itinerário de aproximação da arte, até que arte, artesão e obra sejam uma unidade. A arte do viver para Eckhart é um tal processo. Deus é o artesão por excelência, que não tem mediação. “Deus falou e a luz se fez”. Alma humana é a imagem desse artesão, que busca imitá-lo, tornar-se semelhante, igual, imagem e o mesmo. Depois Eckhart descreve a diminuição gradativa da necessidade de imagens na escalada de subida. Os seres espirituais, quanto menos imagens necessitam, mais próximos estão da fonte.

Tudo que os que estão abaixo dele tomam em multiplicidade, isso ele toma em unidade. Mas Deus não precisa de nenhuma imagem e não possui imagem alguma. Deus opera na alma sem qualquer meio, imagem ou semelhança, sim, no fundo, lá onde jamais adentrou imagem alguma a não ser ele mesmo com seu próprio ser. Isso nenhuma criatura pode fazer (2008, p. 194).

Trata-se de algo simples, usual, mas não trivial. Veja na descrição de Chuang-zu:

Quando primeiro comecei a destrincar bois via diante de mim o boi inteiro, tudo num único bloco.

Depois de três anos, nunca mais vi este bloco. Via as suas distinções.

Mas, agora, nada vejo com os olhos. Todo o meu ser apreende.

Meus sentidos são preguiçosos.

O espírito livre para operar sem planos segue o seu próprio instinto,

guiado pela linha natural, pela secreta abertura,
pelo espaço oculto.
Minha machadinha descobre seu caminho.
Não corto nenhuma articulação, não esfacelo nenhum osso...
Não há espaços nas articulações; a lâmina é fina e afiada:
quando sua espessura encontra aquele espaço,
lá encontrará todo o espaço de que precisava!
Ela corta como uma brisa!
por isso tenho esta machadinha há 19 anos. Como se fora afiada há pouco!...
Então retiro a lâmina, fico de pé, imóvel
e deixo que a alegria do trabalho penetre.
Limpo a lâmina e ponho-a de lado... (Merton, 1996, p. 63-64).

Deus não é o melhor dos mestres. Deus é o Mestre, o Mestre por excelência. O homem precisa de muitos meios, mediações, imagens, preparação de materiais, operações. Em seu trabalho há um vai e vem de muitas iniciativas e tentativas, mas conforme vai crescendo para dentro da dinâmica de seu afazer, vão diminuindo as mediações e vai aparecendo cada vez mais só o modo de ser que orienta e dá vida a essa vida. Assim pode-se dizer que Deus é a imagem sem imagem, a imediatez absoluta.

“Tu deves calar e deixar Deus atuar e falar” (2, p. 195).

Como conclusão desses arrazoados toscos fica o convite a visitar os sermões eckhartianos; nesse caso específico o sermão 101, 83 e 69. Como alento para nossa ignorância, nos serve a descoberta de que nos bastaria a meditação e apropriação de um único desses sermões, de modo a que se tornasse ‘posse de mim’ no percurso de nossa caminhada. O caminho é um itinerário de ascensão, de busca de crescimento, de artesanaria do viver, de alquimia das impurezas e purgação de mediações, de consumo do diferente e estranho.

De igual modo, como quando o fogo quer tomar a madeira e ser por sua vez tomado pela madeira, encontra primeiro a madeira como o que não lhe [ao fogo] é igual. Por isso, é preciso tempo. O fogo começa por aquecer e fazer arder <a madeira>, fazendo-a depois fumejar e estalar, porque esta lhe <a madeira ao fogo> é desigual; e então, quanto mais quente se tornar a madeira, tanto mais silenciosa e calma ela se torna, e quanto mais se tornar igual ao fogo, tanto mais se torna pacífica, até tornar-se toda e inteira fogo. Se o fogo deve assumir em si a madeira, então toda desigualdade deve ser expulsa⁵ (1, p. 98).

⁵ Cf. Tomás de Aquino, *De Ver. Q. 26 a. 1*; cf. São João da Cruz, *O Monte do Carmelo*, 1. II c. 8; *A noite obscura*, 1. II c. 10.

DOI: [10.25244/uf.v13i1.2399](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2399)

Sem imagem, sem mediação, sem comparação - uma abertura para dentro do pensamento de Eckhart
GIACHINI, Enio Paulo

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Solilóquios e A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

ECKHART. M. **Sermões alemães**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2009.

ECKHART. M. **Sermões alemães**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2008.

MERTON, T. **A via de chuang Tzu**. 8ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. SP: Martins fontes, 1999.